



## **As aptidões sociais das crianças em idade pré-escolar**

## **Developing preschool children social aptitudes**

Ana Teresa Brás,  
*Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*

Carlos Sousa Reis,  
*Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*

**Journal for Educators, Teachers and Trainers, Vol. 3**

<http://www.ugr.es/~jett/index.php>

Fecha de recepción: 26 de octubre de 2012

Fecha de revisión: 10 de noviembre de 2012

Fecha de aceptación: 12 de diciembre de 2012

Bras, T. y Reis, C. (2012). As aptidões sociais das crianças em idade pré-escolar. *Journal for Educators, Teachers and Trainers*, Vol. 3, pp. 135 – 147.



## Journal for Educators, Teachers and Trainers, Vol. 3

ISSN 1989 - 9572

<http://www.ugr.es/~jett/index.php>

### As aptidões sociais das crianças em idade pré-escolar

#### Developing preschool children social aptitudes

Ana Teresa Bras. Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
[anateresadamanevesbras@gmail.com](mailto:anateresadamanevesbras@gmail.com)

Carlos Sousa Reis. Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
[director.esecd@ipg.pt](mailto:director.esecd@ipg.pt)

#### Resumo

Os educadores de infância devem estar conscientes da importância da aquisição das competências sociais, pelas crianças, tendo em vista uma adequada adaptação e superação dos diferentes desafios que aquelas venham a ter ao longo da existência. Neste artigo apresenta-se um trabalho de investigação no contexto educativo de pré-escolar, ao nível da área de conteúdo de Formação Pessoal e Social, relativamente a uma prática docente suscetível de melhorar as aptidões sociais de um grupo de crianças. Neste sentido foi realizada uma avaliação da modificação das aptidões sociais de uma turma do pré-escolar após a implementação de uma prática pedagógica estruturada e direcionada para a aquisição de competências sociais. Este programa de intervenção inserido na planificação realizada ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, no nível pré-escolar, foi construído com base em situações do quotidiano das crianças, privilegiando-se a componente lúdica dos contextos de aprendizagem, procurando motivá-las para o envolvimento, com vista a promover o seu harmonioso desenvolvimento social. Os resultados obtidos sugerem que a introdução deste tipo de programas de intervenção educacional, promotores das aptidões sociais das crianças e suas competências sociais poderá constituir uma mais-valia na idade pré-escolar, levando a determinadas mudanças ao nível das relações sociais das crianças com adultos e pares, favorecendo comportamentos prossociais.

#### Abstract

The kindergarten teachers must be aware of the importance of the acquisition of social skills for children, with a view to appropriate adaptation and overcoming the various challenges that will have those throughout existence. This article is the presentation of a research work within the pre-school educational context, in the field of 'Social and Personal Education' which may lead to improved social skills within the group of children. In order to accomplish this, after the teaching training with the pre-school class which focussed on the acquisition of social competence, an assessment of the modified social skills within the class was carried out. These activities were included in the pre-school lesson planning during the 'Supervised Teaching Practice'. They were developed based on children's daily life situations, focussing mainly on using games in the learning contexts. The aim of these games was to motivate and involve the children in order to enhance their balanced social development. The results obtained suggest that the introduction of this type of learning activities may be an asset in Pre-school Education because they develop both children's social skills and social competence. Moreover, this type of learning activities may also lead to changes in children's social interaction with both adults and their peers which may favour pro-social behaviour.

#### Palavras-chave/keywords

Aptidões sociais, formação pessoal e social, educação pré-escolar.  
Social skills, social and personal education, pre-school education.

#### Citation

Bras, T. y Reis C. (2012). As aptidões sociais das crianças em idade pré-escolar. *Journal for Educators, Teachers and Trainers*, Vol. 3, pp. 135-147.

## 1. Introdução

Historicamente associa-se à escola a função de transmitir a cultura específica de uma dada sociedade, nomeadamente facilitando o processo de integração e adaptação dos indivíduos. Ao nível das competências sociais, a instituição escolar deve ajudar as crianças a desenvolverem atitudes pessoais, valores e competências interpessoais (Vale, 2009), que as tornem aptas a assumir diferentes papéis enquanto cidadãos e membros ativos na sociedade a que pertencem.

As aptidões sociais das crianças, no período da Educação Pré-escolar, encontram-se numa fase inicial de desenvolvimento. Pela observação das interações sociais entre crianças destas faixas etárias, em contexto de brincadeiras e diálogos, é frequente detetarem-se situações conflituosas, de desacordo, bem como comportamentos agressivos e desistências no jogo cooperativo.

Nos últimos trinta anos, investigadores das áreas da Educação e da Psicologia têm dado ênfase a um conjunto de competências específicas do desenvolvimento social e emocional das crianças, como sejam o relacionamento interpessoal, a atenção, o controlo do comportamento e as aptidões de resolução de problemas (Major, 2011:25). De facto, a aquisição de competências e aptidões sociais, por parte dos educandos, deve assumir-se como uma prioridade para os profissionais, pois ao estarem implicadas no desenvolvimento socioemocional das crianças condicionam a própria aprendizagem escolar e a qualidade de vida nos anos seguintes (Lopes citado por Major, 2011; Pellegrini & Glikman, citado por Katz & McClellan, 2006). Daí que seja fundamental a criação de programas educativos multidimensionais, contemplando várias áreas do desenvolvimento humano, que não apenas as cognitivas, motoras ou linguísticas mas também os aspetos socioafetivos.

O jardim-de-infância, além de proporcionar oportunidades privilegiadas de interação das crianças com os seus pares, apresenta-se como uma *fonte rica de comportamentos sociais a observar por parte dos educadores* (Milfort & Greenfield, citados por Major, 2011:59). O nosso trabalho focou esta realidade dinâmica e visou a avaliação da modificação das aptidões sociais de uma turma do nível pré-escolar, após a implementação de uma prática pedagógica estruturada e direcionada para o treino deste tipo de competências. Este programa de intervenção foi construído com base em situações do quotidiano das crianças, privilegiando-se a componente lúdica dos contextos de aprendizagem, através dos quais procurámos envolvê-las, a fim de promover o seu harmonioso desenvolvimento social.

## 2. Enquadramento teórico

### 2.1. As competências sociais e o pré-escolar

As aptidões sociais podem definir-se como o repertório de comportamentos socialmente aceitáveis, exibidos por um indivíduo em situações sociais, de modo a conseguir um adequado relacionamento interpessoal (Carrilo & Olivares, citados por Major, 2011). Comportamentos como partilhar, ajudar, agradecer, pedir desculpa ou dizer “por favor” constituem exemplos expressos de aptidões sociais. As crianças que são capazes de as demonstrar serão bem sucedidas nas relações que estabelecem. A competência social refere-se a uma dimensão essencial das habilidades humanas (Gresham & Elliott, citados por Major, 2011:104), focando a qualidade do desempenho social de uma pessoa, relativamente à concretização de tarefas sociais específicas em diversos contextos. Uma boa competência social dotará os sujeitos de capacidade de resposta ao requerido pelo funcionamento quotidiano, tornando-os aptos a contribuir para o seu próprio bem-estar e daqueles que os rodeiam.

A família desempenha um papel preponderante no desenvolvimento socioafetivo e cabe-lhe promover a emergência da consciência social das crianças. No entanto, aquando da entrada no nível pré-escolar e à medida que a criança começa a conviver com o grupo de pares vai-se relativizando a influência do ambiente familiar (Pikunas, citado por Silva, 2008). A criança será agora confrontada com a necessidade de se adaptar ao mundo exterior, enfrentando *as exigências das tarefas do meio social extrafamiliar* (Major, 2011:14). No jardim-de-infância, as crianças deparam-se com novos desafios que as preparam para aceitar normas sociais e para desenvolver um estilo próprio de relacionamento interpessoal. Pela interação com os adultos e seus pares, elas aprendem a corresponder às expectativas, regras e hábitos sociais. De facto, as relações sociais assumem um papel fulcral no desenvolvimento da criança, possibilitando-lhe a aquisição de um

amplo novo mundo de aptidões, como por exemplo, a empatia, a necessidade de ter em conta a perspectiva do outro, a negociação e a cooperação.

Vale (2009:133) defende como vital o desenvolvimento de competências sociais no nível pré-escolar, não só por ser aí que as crianças passam grande parte do seu tempo diário, mas por ser na infância que estas aprendizagens melhor são permeabilizadas. Em suma, o ambiente do jardim-de-infância constitui um dos principais recursos de intervenção e a prevenção, para promover um crescimento social saudável das crianças, segundo um enquadramento de estreita comunicação com a família.

## **2.2. O papel do educador de infância no âmbito das interações sociais**

Spodek e Saracho, citados por Vale (2009), preconizam que a abordagem disciplinar dos educadores de infância deve basear-se no uso da razão, levando, por exemplo, as crianças a perceberem quais os comportamentos que delas se esperam, dando-lhes instruções claras e repetindo-as em variados contextos a fim de que elas as conheçam, as entendam e as vão interiorizando.

Em contexto pré-escolar cabe pois ao educador de infância dinamizar e promover o desenvolvimento social das crianças, nomeadamente as suas competências sociais. Lino (2006:80) realça o facto de as aprendizagens sociais, à semelhança da maior parte das aprendizagens que as crianças constroem durante os primeiros anos, serem adquiridas e reforçadas sobretudo mediante processos interativos. A autora, citando Katz & McClellan, refere ainda o caso de muitas crianças aprenderem estratégias sociais ao observarem as interações com os outros. Assim, os educadores devem procurar oferecer um modelo de comportamento social coerente, adequado às regras e normas da sociedade envolvente e servindo de exemplo para o tipo de relação que as próprias crianças estabelecerão entre si. Estas devem ter oportunidade de observar e exercer o seu comportamento num ambiente relacional securizante, pautado pela existência de regras claras e eficazes, no qual se sentirão seguras, valorizadas, confiantes e autónomas, de modo a poderem estabelecer relações de empatia com os outros, ao mesmo tempo que consolida a sua autoestima. O educador de infância, enquanto mediador do processo educativo, deve fomentar o diálogo promovendo a partilha de vivências e de experiências, num ambiente facilitador da expressão de opiniões, sentimentos e emoções pelas crianças.

O educador, para além da função de interventor, assumirá ainda um papel privilegiado de observador, atento à recolha de informação pertinente para avaliar e monitorizar as aptidões sociais das crianças que acompanha. A natureza das relações estabelecidas entre a criança, os seus pares e os adultos são exemplos de aspetos observáveis que ajudam o educador a identificar e a compreender determinadas limitações ou dificuldades no processo de desenvolvimento social dos educandos. A partir da sua análise poderá aferir do seu desenvolvimento psicossocial e, em consequência, modelar os planos de ação pedagógica adequados (Bonet citado por Silva, Veríssimo & Santos, 2004). Estes planos de ação devem possibilitar que as crianças ultrapassem eventuais dificuldades, podendo evitar ou minimizar problemas de comportamentos inclusivamente em crianças pautadas por menores habilidades ao nível do desenvolvimento social (Vale, 2009).

## **3. Parte empírica**

### **3.1. Problema e hipóteses de investigação**

O presente trabalho foi desenvolvido no estágio em educação pré-escolar, tendo por objetivo promover no grupo de crianças um modo de relacionamento mais cordial, quer entre si, quer com os adultos. De facto, pretendemos colmatar carências detetadas, por parte da generalidade do grupo, relativamente à falta de interiorização e cumprimento de regras básicas de interação social.

A questão geral da qual emanou o trabalho de pesquisa foi a seguinte: “Em que medida as aptidões sociais do grupo de crianças podem melhorar pela sua participação num programa de atividades pedagógicas direcionadas em contexto de jardim-de-infância para o cumprimento de normas básicas de convivência, como tomar a iniciativa de saudar à chegada, despedir à saída, agradecer, pedir desculpa, pedir por favor?”

Considerando que as aprendizagens sociais pelas crianças ocorrem de modo privilegiado nesta fase de desenvolvimento pessoal e social, definimos como plausíveis as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1: *Existem diferenças significativas de aptidões sociais (Cooperação e Interação Social) no grupo de tratamento, após o programa de intervenção.*

Hipótese 2: *Existem diferenças significativas de Cooperação entre o pré e o pós-teste.*

Hipótese 3: *Existem diferenças significativas de Interação Social entre o pré e o pós-teste.*

Hipótese 4: *Não existem diferenças significativas de aptidões sociais entre os géneros.*

Assim, no final do programa de intervenção é esperado que o grupo de tratamento exiba mais aptidões sociais no relacionamento interpessoal.

### 3.2. Metodologia

Neste trabalho optámos por uma abordagem quantitativa, utilizando como modelo metodológico de referência o Plano Pré-experimental, de acordo com a nomenclatura de Campbell & Stanley (citados em Carmo & Ferreira, 1998). Aplicámos um desenho antes-após, com grupo único, sem comparação com grupo de controlo.

O estudo delimita-se à sala de atividades de nível Pré-escolar onde realizámos o estágio, no período entre 1 de março e 16 de junho de 2011. Pretendemos analisar a influência de um programa de intervenção específico na aquisição de determinadas aptidões sociais pelo grupo de crianças. A recolha de dados ocorreu em duas fases do processo, a primeira antes das dez semanas da implementação do programa interventivo, entre de 14 a 18 de março 2011, a segunda avaliação fez-se na última semana de estágio, entre 13 a 16 de junho.

#### 3.2.1. Amostra

A área desta intervenção abrangeu o grupo/turma de crianças implicado no referido estágio pedagógico. Trata-se, deste modo, de uma amostra não probabilística por conveniência, formada pelo grupo de crianças da *Sala 1* do jardim-de-infância de Guarda-Gare, pertencente à rede pública. Outros intervenientes foram naturalmente envolvidos: a educadora cooperante, a educadora de apoio e a assistente operacional, que colaboraram na concretização das diversas atividades propostas.

O grupo ficou constituído por 18 crianças com idade média de  $4.83 \pm 0,62$  anos, sendo 10 dos sujeitos raparigas ( $4.90 \pm 0,57$  anos) e 8 rapazes ( $4.75 \pm 0,75$  anos). A distribuição por género e idades apresenta-se na Figura 1. Como se pode observar a maior parte do grupo (11 crianças, 61%) tem 5 anos, e apenas 2 crianças (11%) têm já 6 anos de idade.

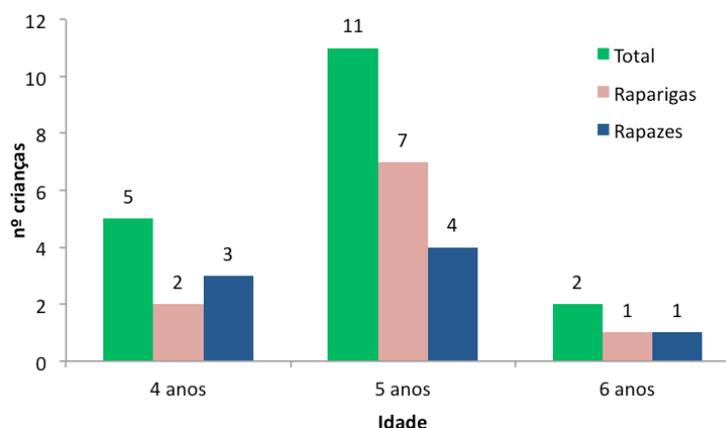


Figura 1. Distribuição da amostra por idade e género.

### 3.2.2. Instrumentos

A escala usada neste trabalho é uma adaptação da versão portuguesa da PKBS-2 (Preschool and Kindergarten Behavior Scales), desenvolvida por Gomes, Pereira & Merrel (2009), para ser aplicada por educadores a crianças do nível pré-escolar e que avalia as aptidões sociais e problemas de comportamento da respetiva faixa etária. Em função dos objetivos de investigação, procedeu-se a uma seleção de apenas 9 dos 34 itens que compõem a “Escala de Aptidões Sociais”, nomeadamente 5 itens da subescala “Cooperação Social” (CS) e 4 itens da subescala “Interação Social” (IS), tendo sido ainda acrescentado um 5º item nesta subescala (*Cumprimenta e despede-se*) o qual não foi alvo de validação (Quadro 1).

Subescala	Itens avaliados
<b>Cooperação Social (CS)</b>	CS.1 Segue instruções dos adultos CS.2 Cumpre regras da sala CS.3 Partilha brinquedos e outros pertences CS.4 Espera pela sua vez para brincar com brinquedos e outros objetos CS.5 Responde apropriadamente quando é corrigido
<b>Interação Social (IS)</b>	IS.1 Pedir ajuda aos adultos de forma correta e agradece no final IS.2 Respeita os direitos das outras crianças IS.3 Pedir desculpa por algum comportamento seu que possa aborrecer os outros IS.4 Demonstra afeto por outras crianças IS.5 Cumprimenta e despede-se

Quadro 1. Itens avaliados das aptidões sociais.

As dimensões avaliadas na subescala da CS refletem a capacidade da criança cooperar e condescender (“negociar” com os pares), incidindo em formas de ajustamento social da criança com pares, mas sobretudo com adultos, envolvendo maioritariamente o seguimento das instruções de adultos e inerente cumprimento de regras. Relativamente à subescala da IS os itens incidem sobre comportamentos e atitudes fundamentais que permitem à criança a possibilidade de captar e manter a aceitação e a amizade do outro. O preenchimento das respostas foi elaborado atendendo-se a uma escala do tipo Likert com 4 níveis de respostas, em que 0 corresponde a “nunca”; 1 a “raramente”; 2 a “às vezes”; e 3 a “muitas vezes”.

A análise dos dados foi realizada utilizando o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 18.0 para Windows. A par de uma análise descritiva, recorrendo à média, desvio padrão e frequência relativa aos níveis de resposta do questionário, procedeu-se a uma análise inferencial aplicando o teste não paramétrico de Wilcoxon ( $p < 0.05$ ) na comparação das variáveis da Cooperação Social e Interação Social. Em particular, para testar a diferença entre géneros, aplicámos o teste de Mann-Whitney ( $p < 0.05$ ).

### 3.2.3. Plano e procedimento

Elaborámos um plano de ação com o intuito de incrementar o estabelecimento de relações interpessoais positivas entre os intervenientes educativos, possibilitando-se ainda aos educandos a oportunidade de revalorizar e aprender regras e procedimentos de convivência social (Boas Maneiras), tão necessárias na aquisição de competências de interação social. Com as atividades propostas pretendemos alcançar melhorias nos relacionamentos interpessoais dos educandos, de modo a pautarem-se pelo respeito a determinadas normas básicas de convivência, como por exemplo: saber saudar, agradecer, pedir por favor, pedir desculpa, saber partilhar, obedecer. Com isto visávamos promover o desenvolvimento psicossocial das crianças, condição necessária para o seu desenvolvimento integral.

Como estratégia dinâmica de intervenção seleccionámos um conjunto de atividades composto por leitura de histórias, entoação de rimas, canções e atividades de expressão plástica e dramática. As atividades envolveram diversos materiais de modo a motivar e a captar o interesse das crianças, privilegiando-se a atividade lúdica, que permite motivar a criança para a aprendizagem. O jogo assume um papel fulcral na rotina diária nas salas de educação pré-escolar, quer enquanto atividade espontânea quer como atividade orientada. A componente lúdica ocupa um lugar central na planificação de atividades propostas pelos educadores de infância, nomeadamente no âmbito do desenvolvimento cognitivo e socioafetivo.

Segundo Matta (1999:43) *as histórias são instrumentos importantes no processo de inserção das crianças na cultura do seu grupo social*. Nesse sentido recorreremos à exploração de histórias (livros e DVD), procurando analisar os conteúdos e interpelando as crianças relativamente às atitudes das personagens em situações de interação pessoal, de modo a avaliar como agiriam quando confrontadas com realidades semelhantes. Propusemos ainda a realização de diversos jogos, como lotos, puzzles, construções, jogos de movimento com bolas, cadeiras e outras situações que promovessem a interação, a cooperação, a entreajuda e o cumprimento de regras (esperar pela vez de jogar e respeitar os companheiros de jogo).

Similarmente, nas atividades de Expressão Plástica, estimulámos as crianças a preferir situações de ajuda e partilha, levando-as a serem capazes de funcionar em pequenos grupos ou em pares, mantendo o respeito pelo outro e pelas normas estabelecidas.

Privilegiámos ainda a representação teatral e o jogo dramático. De acordo com as Orientações Curriculares para a educação pré-escolar, a expressão dramática *é um meio de descoberta de si e do outro* (ME-DGIDC, 2007a:59), constituindo uma forma lúdica de representação da realidade. De facto, o jogo dramático promove o desenvolvimento social da criança, na medida em que lhe fornece oportunidades de aprendizagem de comportamentos interpessoais competentes (Garvey, citado por Erra, 2005). O recurso a estes instrumentos pedagógicos (dramatização de histórias com teatro de fantoches) contribui para o desenvolvimento socio-afetivo das crianças, porquanto, através do desempenho de papéis, lhes é possível selecionar os elementos que compreenderam dos acontecimentos vividos, podendo controlá-los. Pela manipulação de fantoches, para além de desenvolverem as competências linguísticas, as crianças vêem-se envolvidas em processos criativos que implicam o raciocínio e a imaginação, o que facilita a expressão de sentimentos, a resolução de conflitos emocionais, a perceção e interiorização da dicotomia entre o bem e o mal, assim como a assimilação de uma grande diversidade de valores.

Através da representação de situações do quotidiano das crianças, em que se enfatizava os seus comportamentos habituais no âmbito das relações interpessoais, procurámos despertar no grupo o interesse e a necessidade de mudança comportamental, promotora de uma eficaz aquisição de competências, que pressupõem o recurso a de diferentes aptidões sociais. No final, as crianças eram convidadas a refletir sobre as diferentes atitudes exploradas, no sentido de que as valorizassem, as integrassem na sua postura e as operacionalizassem quando envolvidas nas referidas situações. Essas atitudes foram sendo recordadas e reforçadas no âmbito da Expressão Musical, com canções adaptadas para o efeito, que as crianças eram convidadas regularmente a entoar.

A recolha de dados realizou-se antes e depois do programa de intervenção através dos itens específicos da escala de avaliação de aptidões sociais (PKBS-2). No pré-teste aferimos algumas aptidões e atitudes sociais das crianças em contexto de interação social na sala de atividades, para, posteriormente, no pós-teste, se avaliarem as eventuais modificações da sua postura, relativamente aos itens avaliados, em consequência do envolvimento nas atividades propostas no referido programa.

#### **4. Apresentação e discussão dos resultados**

A avaliação das aptidões sociais em crianças desta faixa etária, ainda que seja de extraordinária importância, revela-se um processo difícil. Há que atender a dificuldades no âmbito da observação propriamente dita, fruto das características das crianças (dependência relativamente ao adulto, baixo limiar de atenção, reduzidas competências linguísticas, intensa atividade motora, dificuldade em gerir a frustração, egocentrismo) e que tornam a avaliação um desafio, podendo comprometer a validade dos resultados (Nagle & Seabra-Santos, citados por Major, 2011:30). Mas as atividades foram, na sua generalidade, bem aceites pelo grupo que demonstrou interesse e adesão.

##### **4.1. Análise descritiva**

Os resultados do pré-teste mostraram que, em geral, os elementos do grupo apresentam uma baixa classificação ao nível das subescalas avaliadas, observando-se um valor médio para a Cooperação social de  $1.77 \pm 0.91$ , enquanto ao nível da Interação social se obteve um valor de  $1.47 \pm 0.85$ . Como pode verificar-se na Figura 2, as observações correspondentes ao comportamento “nunca” e

“raramente” foram mais frequentes na Interação Social, registando-se um total de 51 casos (57% do total), do que na Cooperação Social, em que se observaram 40 casos (44% do total).

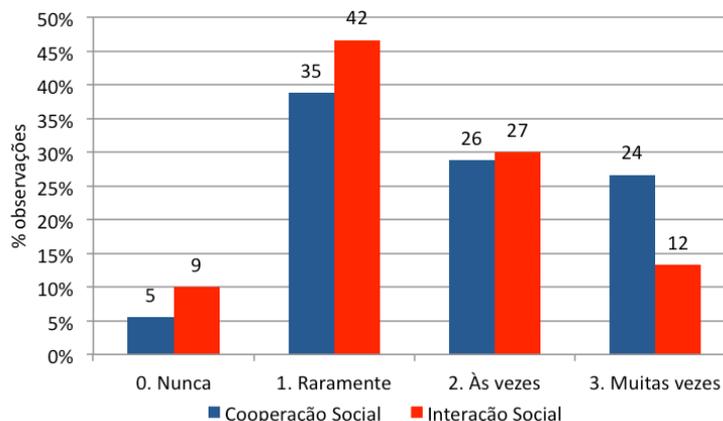


Figura 2. Frequência do nº de observações (n=90) para as componentes da aptidão social no pré-teste.

A análise descritiva da subescala Cooperação Social mostrou que os itens CS.3 *Partilha brinquedos e outros pertences* e CS.2 *Cumprir regras da sala* obtiveram as ponderações mais baixas desta componente ( $1.50 \pm 0.79$  e  $1.61 \pm 1.04$ , respetivamente). Neste caso, 10 crianças (56%) “raramente” ou “nunca” apresentavam o desempenho associado a esses itens (Figura 3). Mas para os outros itens verificaram-se taxas de prevalência razoáveis: 12 crianças (67%) incluíram-se no âmbito do “às vezes” e “muitas vezes” para a CS.1 *Segue instruções dos adultos* e 11 (61%) para a CS.2 *Cumprir regras da sala*, enquanto 11 crianças (61%) se incluíram no mesmo âmbito para a CS.5 *Responde apropriadamente quando é corrigido*. Porém mesmo nestes itens se observa que 6 crianças (33%) “raramente” seguem as instruções dos adultos (CS.1), 6 (33%) “raramente” esperam pela sua vez para brincar com brinquedos e outros objetos (CS.4), e 6 (33%) “raramente” respondem apropriadamente quando são corrigidos (CS.5) (Figura 3). Refira-se, no entanto, que do total do grupo, 5 crianças (28%) apresentaram ao nível dos itens da Cooperação Social média igual ou inferior à classificação 1.

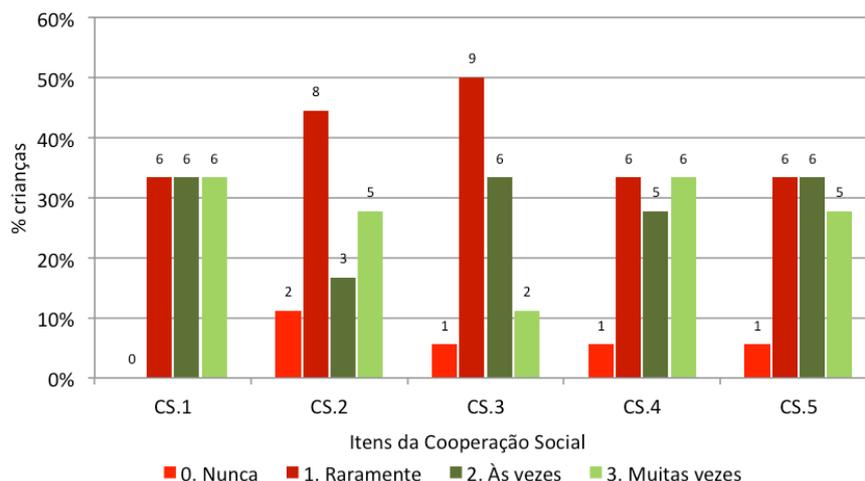


Figura 3. Frequência de crianças (n=18) na avaliação dos itens da Cooperação Social no pré-teste.

No âmbito da Cooperação Social apurou-se para o género feminino a média de  $1.76 \pm 0.91$ , verificando-se 20 casos (40%) correspondentes aos níveis do “nunca” ou “raramente”, enquanto no

género masculino se obteve um valor médio de  $1.78 \pm 0.91$ , com uma frequência de 20 casos (50%) nas ponderações “nunca” ou “raramente”.

A análise descritiva da subescala Interação Social mostrou que os itens IS.5 *Cumprimenta e despede-se*, IS.3 *Pede desculpa por algum comportamento seu que possa aborrecer os outros* e IS.1 *Pede ajuda aos adultos de forma correta e agradece no final* obtiveram as médias mais baixas desta componente ( $1.00 \pm 0.69$ ,  $1.33 \pm 0.97$ ,  $1.44 \pm 0.70$ , respetivamente). Do total de crianças que compunham o grupo amostral, 10 crianças (56%), 6 (33%) e 9 (50%), raramente apresentavam os desempenhos corretos respetivamente associados a IS.5, IS.3 e IS.1 (Figura 4). Note-se ainda que 4 crianças (22%) “nunca” cumprimentam nem se despedem (IS.5) e 4 crianças também (22%) “nunca” pedem desculpa por algum comportamento (IS.3) (Figura 4).

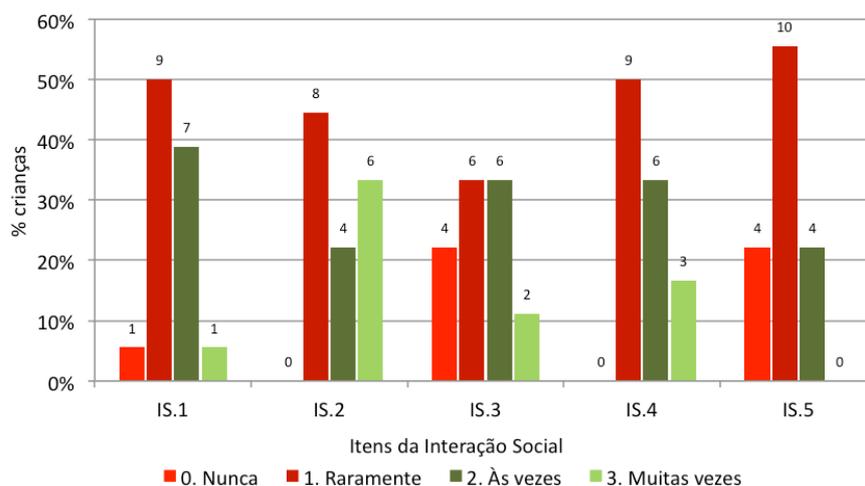


Figura 4. Frequência de crianças (n=18) na avaliação dos itens da Interação Social no pré-teste.

Comparando os géneros, no âmbito da Interação Social, observou-se no género feminino o valor médio de  $1.50 \pm 0.85$ , com uma frequência de 29 casos (58%) para os níveis “nunca” ou “raramente”, enquanto no género masculino se registou um valor médio de  $1.43 \pm 0.83$ , correspondente a 22 casos (55%) de ocorrências “nunca” ou “raramente”.

Considerando os itens da Interação Social, observámos que relativamente ao item IS.3 *Pede desculpa por algum comportamento seu que possa aborrecer os outros*, 7 raparigas (70%) “nunca” ou “raramente” mostraram este comportamento, enquanto apenas 3 rapazes (38%) “nunca” o demonstraram. Refira-se ainda que no âmbito do item IS.4 *Demonstra afeto por outras crianças*, os resultados mostram que 6 raparigas (60%) exibiram “algumas” ou “muitas vezes” essa conduta, enquanto apenas 3 rapazes (38%) o realizaram. Nos resultados do pós-teste observou-se um valor médio para a Cooperação social de  $1.78 \pm 0.92$ , enquanto no plano da Interação Social se registou um valor de  $1.81 \pm 0.83$ . Como pode verificar-se na Figura 5, para a Interação Social, ocorreram 59 respostas (66% do total) correspondentes a um desempenho positivo (“às vezes” e “muitas vezes”), enquanto para a componente Cooperação Social se observaram 50 ocorrências (56% do total) para esse níveis de respostas.

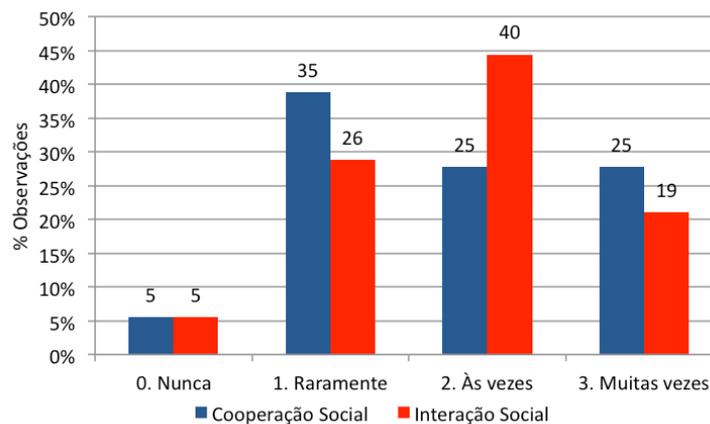


Figura 5. Frequência do nº de observações (n=90) para as componentes da aptidão social no pós-teste.

A análise do pós-teste relativo à dimensão da Interação Social devolveu para os itens IS.1 *Pede ajuda aos adultos de forma correta e agradece no final*, IS.3 *Pede desculpa por algum comportamento seu que possa aborrecer os outros* e IS.5 *Cumprimenta e despede-se*, as seguintes médias:  $2.00 \pm 0.69$ ,  $1.50 \pm 0.99$ ,  $2.00 \pm 0.69$ . Verificou-se que 16 crianças (89%), 11 (61%) e 14 (78%) apresentavam “às vezes” e “muitas vezes” os desempenhos corretos associados respetivamente a IS.1, IS.3 e IS.5 (Figura 6). Note-se ainda que 4 crianças (22%) “nunca” cumprimentam nem se despedem (IS.5) e 4 crianças também (22%) “nunca” pedem desculpa por algum comportamento (IS.3) (Figura 6).

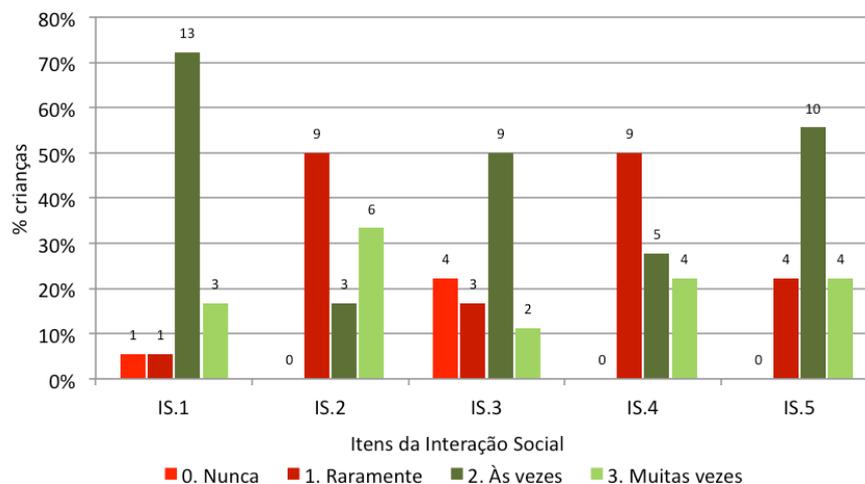


Figura 6. Frequência de crianças (n=18) na avaliação dos itens da Interação Social no pós-teste

#### 4.2. Análise inferencial

Após as dez semanas de intervenção pedagógica realizou-se a avaliação final comparando as diferenças entre pré e pós-teste. O teste de Wilcoxon, indicou existirem diferenças muito significativas ( $z = -3.684$ ;  $p = 0.000$ ) quanto ao *score* global das aptidões sociais (interação e cooperação), observando-se no pós-teste uma média de desempenho global ( $1.79 \pm 0.87$ ) superior ao obtido no pré-teste ( $1.62 \pm 0.89$ ) Deste modo, rejeita-se a hipótese nula aceitando-se a hipótese alternativa que prevê a ocorrência de diferenças entre o pré-teste e o pós-teste.

Analisando separadamente a Cooperação Social, obteve-se no pós-teste uma média de desempenho ( $1.78 \pm 0.92$ ) muito semelhante à obtida no pré-teste ( $1.77 \pm 0.91$ ). Na realidade o teste de Wilcoxon devolveu valores que obrigam a aceitar a hipótese nula ( $z = -0.577$ ;  $p = 0.564$ ), ou seja,

os resultados ao nível da Cooperação Social no pré e pós-teste não são significativamente diferentes. Este facto pode estar relacionado com a dificuldade que as crianças desta idade demonstram em compreender o ponto de vista do outro, assumindo uma perspectiva autocentrada, fruto do egocentrismo intelectual que caracteriza o pensamento pré-operatório, estágio de desenvolvimento cognitivo descrito típico da faixa etária situada entre os 2 e os 7 anos (Tavares *et al.*, 2007).

Analisando de forma isolada a Interação Social, obteve-se no pós-teste uma média de desempenho ( $1.81 \pm 0.83$ ) superior à obtida no pré-teste ( $1.47 \pm 0.85$ ). Aplicando o teste de Wilcoxon verifica-se que estes valores são significativamente diferentes entre ( $z = -3.568$ ,  $p = 0.000$ ), rejeitando-se, portanto a hipótese nula.

No que diz respeito à comparação entre o pré e pós-teste dos itens da Interação Social, verificaram-se diferenças significativas no IS1 *Pede ajuda aos adultos de forma correta e agradece no final* (Wilcoxon:  $z = -3.162$ ,  $p = 0.002$ ), que aumentou o score de  $1.44 \pm 0.70$  para  $2.00 \pm 0.69$  no pós-teste, e quanto a IS5 *Cumprimenta e despede-se*, (Wilcoxon:  $z = -3.568$ ,  $p = 0.000$ ), que aumentou o score de  $1.00 \pm 0.69$  para  $2.00 \pm 0.69$  no pós-teste. Apesar de no item IS3. *Pede desculpa por algum comportamento seu que possa aborrecer os outros* se ter observado uma mudança de comportamento, como foi referido anteriormente na análise descritiva, o teste de Wilcoxon devolveu valores que obrigam a aceitar a hipótese nula ( $z = -1.732$ ;  $p = 0.083$ ), ou seja, os resultados deste item no pré e pós-teste não são significativamente diferentes.

Quando se consideram os *scores* em função dos géneros também não se encontram diferenças significativas, quer quando quanto aos resultados totais de ambas aptidões (Mann-Whitney:  $U = 36.50$  e  $p = 0.762$ ), quer quanto aos resultados isolados de cada aptidão (cooperação ou interação social). Aceita-se, portanto, a hipótese nula, ou seja, o género não se revelou um fator relevante para determinar os comportamentos de Cooperação e Interação Social. Um resultado coerente com o encontrado por Campbell e também Mesman, citados por Major (2011), que referem não se comprovarem evidências empíricas relativamente a diferenças significativas entre géneros no que diz respeito a défices de aptidões sociais em idade pré-escolar.

## 5. Conclusões e considerações finais

Este estudo analisou a influência de um programa de intervenção sobre aprendizagens sociais, aplicado a crianças do pré-escolar, no qual se pretendia promover as aptidões sociais do grupo, nomeadamente no âmbito do relacionamento interpessoal e quanto ao cumprimento de regras de convivência social.

O estudo apresenta um conjunto de limitações, que passamos a descrever. O curto período de tempo em que decorreu constitui um óbice à obtenção de resultados mais significativos em termos de alteração de comportamentos pelas crianças. Em particular deve ter-se em conta a limitação amostral, quer em termos de tamanho, quer pela falta de aleatoriedade de amostragem, como ainda a ausência de um grupo controlo que teria permitido o despiste de fatores parasitas. Uma limitação relevante fica a dever-se ao não alargamento do estudo a outros contextos da vida infantil, como o seio familiar.

Apesar de não terem sido consideradas neste estudo, a literatura aponta diversas variáveis da criança e do ambiente envolvente que aparecem implicadas como eventuais condicionantes do percurso de desenvolvimento das aptidões sociais, o que se traduz igualmente em limitações deste trabalho. De referir, por exemplo, as questões temperamentais (autorregulação), o ambiente familiar e o tipo de interação estabelecido com os pais, bem como o respetivo nível socioeconómico e emocional (Cf. Major, 2011). A falta de controlo destas variáveis poderá explicar as escassas diferenças verificadas nos comportamentos sociais na avaliação anterior e posterior ao programa de intervenção.

Há que referir ainda, o facto do instrumento utilizado para avaliação das aptidões sociais das crianças ter sido uma adaptação de uma versão portuguesa de PKBS-2, tendo-se recorrido a um item que não foi testado anteriormente, o que implica que possa não ter a formulação adequada e a falta de dados para comparação. Por fim, aponta-se como limitação a ausência de um estudo do tipo *follow-up* visando comprovar a médio prazo os efeitos benéficos em termos de aquisição de aptidões sociais.

Os resultados do pré-teste deste grupo de crianças mostram um déficit importante das aptidões sociais, nomeadamente quanto à Cooperação Social e, sobretudo, no âmbito da Interação Social. Observou-se que mais de metade do grupo não apresentava um comportamento adequado na Interação Social, com destaque para a questão associada às regras básicas de cumprimento e saudação (IS.5), pedir ajuda de forma cordial e agradecida (IS.1) e pedir desculpa quando necessário (IS.3).

Avaliando os resultados obtidos no pós-teste relativamente à Interação Social verificaram-se diferenças muito significativas no grupo estudado ( $z=-3.568$ ,  $p=0.000$ ), tendo-se registado nas crianças uma melhoria evolutiva significativa nos itens IS1 *Pede ajuda aos adultos de forma correta e agradece no final* (Wilcoxon:  $z= -3.162$ ,  $p=0.002$ ), e IS5. *Cumprimenta e despede-se* (Wilcoxon:  $z= -3.568$ ,  $p=0.000$ ). Foram também observadas melhorias muito significativas considerando as aptidões sociais no seu conjunto ( $z= -3.684$ ,  $p=0.000$ ), embora não se tenham registado alterações significativas no que diz respeito à Cooperação Social quando analisada isoladamente. Deste modo, foi confirmada a Hipótese 1 *Existem diferenças significativas de aptidões sociais (Cooperação e Interação Social) no grupo de tratamento, após o programa de intervenção*, bem como a Hipótese 3 *Existem diferenças significativas de Interação Social entre o pré e o pós-teste*. Não se observaram diferenças ao nível da Cooperação Social ( $z=-0,577$ ,  $p=0,564$ ) não sendo confirmada a Hipótese 2 *Existem diferenças significativas de Cooperação entre o pré e o pós-teste*. Relativamente à Hipótese 4 *Não existem diferenças significativas de aptidões sociais entre os géneros*, esta também foi confirmada pelos resultados (Mann–Whitney:  $U=36.500$ ;  $p=0.762$ ), indo ao encontro do referido por outros autores (Campbell e Mesman, citados por Major, 2011).

Os resultados apontam para que o programa de intervenção implementado possa funcionar como uma metodologia adequada para a promoção das aptidões sociais das crianças. De facto, o referido programa e a interação social a ele associada contribuíram para as aprendizagens sociais por parte das crianças, fomentando nelas comportamentos socialmente aceites, de acordo com algumas das normas da convivência social. Além disso, ao longo da prática pedagógica as crianças passaram a interagir de modo mais organizado, sendo mais cumpridoras das regras estabelecidas e demonstrando, em regra, maior atenção quanto às necessidades dos pares. Todavia, importa refletir na estruturação deste tipo de intervenção, pois o facto de não ter havido alterações significativas na componente da Cooperação sugere inserção de um programa propiciador do ajustamento social da criança ao adulto, traduzidos na obediência a instruções e no cumprimento de regras.

Ainda que de modo transversal no decorrer da prática pedagógica se tenha atendido à promoção do desenvolvimento emocional das crianças envolvidas, o que é facto é que em termos formais revelou-se diminuto o número de atividades específicas para explorar esse tipo de competências. Assim, esta constitui a principal vertente de uma proposta de estudo futuro, já que é inequívoca a correlação entre competências sociais e emocionais contribuindo ambas *para o ajustamento social da criança* (Izard, citado por Alves, 2006). Segundo o autor citado a capacidade de um sujeito para gerir as suas emoções e as dos que o rodeiam é essencial às interações sociais.

A par das limitações referenciadas neste estudo, e atendendo-se aos pressupostos teóricos e aos resultados obtidos no mesmo, poderemos concluir que a introdução de programas de intervenção educacional promotores das aptidões sociais das crianças e suas competências sociais poderão constituir uma mais-valia na idade pré-escolar. Esperemos que o trabalho aqui apresentado possa contribuir para que um crescente número de educadores de infância proporcione práticas educativas estruturadoras do bem-estar das crianças, desenvolvendo intencionalmente atividades educativas de modo a favorecer mudanças ao nível das relações sociais das crianças com adultos e pares, favorecendo comportamentos pró-sociais o mais precocemente possível.

## 6. Referências bibliográficas

- ALVES, D.R. (2006). *O Emocional e o Social na Idade Escolar Uma Abordagem dos Preditores da Aceitação pelos Pares*. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação. Porto: Universidade do Porto.
- CARMO, H. & FERREIRA, M. (1998). *Metodologia da Investigação-guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ERRA, M.S. (2005). *Introdução de um programa de orientação sócio-afectiva em crianças de idade pré-escolar: Modificação das relações interpessoais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa: ISPA.
- GOMES, R. M., PEREIRA, A. S. & MERRELL, K. W. (2009). Avaliação sócio-emocional: Estudo exploratório do PKBS-2 de Merrell aplicado a crianças portuguesas em idade pré-escolar. In B.D. Silva, L.S. Almeida, A.B. Lozano & M.P. Uzquiano (Eds.), *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp 2759-2767). Braga: Universidade do Minho.
- LINO, D. (2006). A intervenção educacional para a resolução de conflitos interpessoais. Relato de uma experiência de formação da equipa educativa. In J. Formosinho, L. Katz, D. MacClellan & D. Lino (Eds.) *Educação pré-escolar construção social da moralidade* (pp. 76-103). Porto: Texto Editora.
- MAJOR, S. (2011). *Avaliação de aptidões sociais e problemas de comportamento em idade pré-escolar: Retrato das crianças portuguesas*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia apresentada Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra: Coimbra.
- MATTA, I. (1999). As representações de experiências sociais enquanto mediadoras do processo de construção de significações partilhadas. *Análise Psicológica*, 1 (XVII), 39-48.
- ME-DGIDC (2007a). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- SILVA, F. (2008). *Autonomia comportamental das crianças antes de ingressarem na escola primária: comportamentos de autonomia e perturbação emocional e comportamental*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- SILVA, R., VERÍSSIMO, M. & SANTOS, A. (2004). Adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar. *Análise Psicológica*, 1 (XXII): 109-118.
- TAVARES, J., PEREIRA, A., GOMES, A., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- VALE, V. (2009). Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. *Exedra* (2): 129-146.